



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA

Vandygna Emiliana Chaves da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: vamygnaemilianarcc_@hotmail.com

Alessandra Holanda do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: alessa.holanda@hotmail.com.br

Robson Renato Sales do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: robinhopdf@hotmail.com

Josefa Eliane de Aquino

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: eliane.aquino29@yahoo.com.br

Orientador: Dr. Cícero Nilton Moreira da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: ciceronilton@yahoo.com.br

Resumo: A educação brasileira tem se preocupado com a formação de professores aptos a estarem de forma qualitativa em sala de aula. Com isso, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN tem participado deste processo, aderindo a programas de extensão que zelam pela formação de qualidade dos professores. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID é um programa fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPEs. A UERN tem participado desde 2009 desta parceria interinstitucional, com o objetivo principal de oferecer possibilidades de parceria entre Universidade e escolas da educação básica pública, valorizando a docência, bem como possibilitando aos licenciando-se participantes, exercerem atividades docentes junto a supervisores na comunidade escolar. Sendo assim, esse trabalho abordará o PIBID enquanto contribuinte na formação de docentes em Geografia. Para tanto, centra foco na atuação do subprojeto do PIBID na escola Estadual Profa. Maria Edilma de Freitas que, por intermédio da parceria com a Universidade, buscando verificar qual a contribuição dessa experiência no processo ensino-aprendizagem dos bolsistas em formação docente inicial.

Palavras chaves: Pibid, formação, docente, geografia.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Atualmente, estamos percebendo que as propostas/metodologias de ensino buscam escapar dos métodos tradicionais, no qual, os professores buscam utilizar novos recursos, recursos estes que aproximem os alunos com as disciplinas e os incitem a participar e construir uma aula dinâmica e proveitosa.

Nesse contexto, compreendemos que os recursos didático-pedagógicos mais utilizados são os de ordem audiovisual, como vídeos, músicas, slides e etc. Isso acontece, porque, a exploração dos sentidos visuais e auditivos atraem os alunos, uma vez que, estes favorecem fugir de uma rotina de constante leitura e do uso dos livros didáticos como únicos meios de ensino para a obtenção de conhecimentos.

No entanto, entendemos que as evoluções existentes nos meios tecnológicos podem e devem ser utilizadas pelos professores de geografia dentro das salas de aula, sempre realizando a mediação com os recursos tradicionais, que por sua vez, não devem ser esquecidos, observando sempre as possibilidades de acordo com a realidade vivida pelos alunos, procurando eliminar as rotulações negativas a disciplina e propiciando um novo olhar, olhar crítico e curioso para a geografia.

Existe hoje, dentro do ensino da geografia, o discurso da necessidade clamante de introduzir a geografia crítica no processo de ensino-aprendizagem, porém, dentro da sala de aula, a realidade muitas vezes não condiz com esses discursos, principalmente pela falta de preparo tanto das instituições, como dos docentes em geografia, pois, o docente tem em seu processo de formação, uma preparação que o auxilie para driblar as dificuldades (ou pelo menos deveria ter), por isso, o docente deve buscar métodos e recursos que venham a maquiar o caráter descritivo da geografia física e dinamizar cada vez mais o ensino da geografia humana. Deste modo, entendemos que o processo formativo é contínuo e por isso está constantemente passível a transformações, Marcelo Garcia (1999) compreende a formação de professores como um campo de investigação que se direciona para o estudo sobre os processos de aprendizado e de desenvolvimento de competências profissionais.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Quando se analisa o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam sobre as práticas no ensino de geografia, pode-se então constatar que, mesmo que o ensino da geografia seja baseado em aulas expositivas e leituras, é possível e necessário à exploração de novos métodos, com o auxílio de diversos recursos que propiciem uma leitura dinâmica e mais próxima da realidade, do espaço geográfico e das paisagens que o compõem. Vale salientar que as inovações e equipamentos modernos não devem ser apenas utilizados pela sua utilidade e sim pelas propostas didáticas que os mesmos possam constituir dentro do processo de aprendizagem (BRASIL, 2001 p. 153).

Devemos, portanto levar o aluno a realizar as atividades como um convite, para que ele procure conseguir algo, que seja para ele um desafio tornando-o capaz. Dentro dessa capacidade a proposta principal é poder introduzir a construção de maquetes como uma ferramenta eficaz no processo de aprendizado em geografia, levando em conta a capacidade do aluno em relacionar os temas com sua vivência, podendo interpretá-las com precisão.

A partir do exposto, este trabalho busca trazer reflexões sobre a prática docente na escola Estadual Maria Edilma de Freiras localizada no município de Pau dos Ferros, RN através das experiências proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Buscou-se também fomentar as discussões em leituras bibliográficas.

A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID: EXPERIÊNCIAS DOS LICENCIANDOS BOLSISTAS

Sabe-se que o contato entre o licenciando com o universo escolar, seu vindouro espaço de atuação profissional, ainda é muito elementar. Isso se deve ao distanciamento entre os cursos de licenciatura e as escolas de ensino fundamental e médio. Com isso, entendemos que as atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado dos graduandos, geralmente, não têm se mostrado suficientemente eficaz para proporcionar a aquisição de habilidades e competências aos futuros educadores. Para tanto, são muito



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

poucos alunos que iniciam sua carreira profissional com certa experiência, mesmo que seja mínima, alguns não sabem ou não conseguem se sobressair, até mesmo em atividades simples, como por exemplo, a construção de um plano de aula.

A realidade das licenciaturas, que já perdura há algum tempo, não tem oportunizado a ocorrência de inovações e avanços que possam permitir ao professor iniciante “enfrentar o início de uma carreira docente com uma base consistente de conhecimentos, sejam os disciplinares, sejam os de contextos sócio educacionais, sejam os das práticas possíveis, em seus fundamentos e técnicas” (GATTI, 2009, p. 06).

O início da prática docente geralmente é um momento marcado por dúvidas e tensões, uma vez que, o profissional deve ter adquirido ao longo de sua graduação uma gama de aprendizados diferenciados, habilidades e agilidades para dar conta dos inúmeros desafios que o cotidiano escolar lhe proporciona. Mas, como fica aquele professor que não conseguiu adquirir tantas habilidades? Como ele irá se virar na sala de aula? Por isso, entendemos que o período de iniciação a prática docente é uma fase extremamente importante e difícil dentro da carreira profissional. Segundo Mariano (2006), essa “é a etapa do aprender a ser professor num contexto por vezes desconhecido e sem a parceria satisfatória de profissionais experientes”.

Deste modo, constata-se que os professores iniciantes costumam sofrer problemas como: insegurança, falta de confiança em si mesmo, dificuldade em exercer o domínio de classe e articular os conhecimentos teóricos vistos na universidade e os práticos vivenciados no contexto do trabalho, planejar diariamente suas aulas, entre outros.

Diante de tudo isso que foi dito, entra o papel do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que permite que o bolsista conheça o ambiente escolar em seus aspectos estruturais, físicos, burocráticos e humanos. Além de promover o contato com os discentes para uma prática interventiva contextualizada. Culminando com as reflexões no grupo de formação que permitem o repensar dos procedimentos adotados.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RELATOS DE EXPERIÊNCIA DO SUBPROJETO PIBID/CAMEAM, COM FOCO NOS ELEMENTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE.

Partindo do pressuposto de que a sistematização dos saberes geográficos, enquanto conhecimentos escolares ocorreram, historicamente, a partir do tradicionalismo acadêmico e da memorização. Passamos a entender que esse tradicionalismo, nada mais é do que um produto do método positivista rotulou a Geografia Escolar na sociedade como uma disciplina enfadonha e meramente decorativa.

Atualmente, podemos encontrar algumas mudanças nesse contexto, embora, tais modificações, ainda sejam, em sua maioria, muito incipientes. Contudo, tenta-se, no âmbito escolar e nos espaços formativos das universidades, romper esses paradigmas tradicionais e essa imagem rebuscada, com isso, busca-se reconstruir novos pensamentos e práticas cognitivas relacionadas ao ensino da Geografia.

Infelizmente o que se tem observado claramente no processo de ensino-aprendizagem, dos conhecimentos geográficos, nas escolas de ensino básico é uma unificação e/ou mistura entre educação e geografia tradicionalista. Essa união de conceitos priorizou uma simplificação da geografia, gerando uma mera transposição de conteúdos e uma memorização das informações sobre as relações entre o homem e o espaço. Como resultado disso, obteve-se uma situação de desconforto, indiferença e antipatia por parte dos alunos em relação à disciplina de Geografia.

Hoje em dia, independentemente do nível no qual a geografia esteja inserida, seja ele básico ou superior, ela acaba sendo “convidada” a entender assuntos como: as diversas relações existentes entre o homem e o meio, o mundo e suas dinâmicas, a analisar os fenômenos atuais e explicá-los à luz das dinâmicas espaciais, a romper os paradigmas tradicionalistas que ainda a ancoram, entre milhares de outras coisas.

Partindo dessas constatações em relação ao ensino de geografia, o subprojeto do PIBID/Geografia/CAMEAM vem dando sua contribuição efetiva para a melhoria do ensino e das aulas de geografia. Nós bolsistas, em parceria com a professora supervisora



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

da Escola Estadual Professora Maria Edilma de Freitas temos feito o máximo que pudemos, para mudar essa realidade escolar, vista como um problema sem solução.

Sabendo que uma das funções do PIBID é inovar, criar e planejar novas metodologias de ensino, viemos por meio deste artigo, mostrar uma das oficinas pedagógicas (**Quadro 1**) que aplicamos na turma de 9º ano.

Esta atividade teve o objetivo de entender a estrutura interna da terra, juntamente com o movimento das placas tectônicas a partir da construção de um “vulcão” em forma de maquete. Essa oficina se realizou após a efetuação de aulas sobre este conteúdo e tivemos a preocupação de fazer com que os alunos entendessem de forma mais concreta, que o planeta terra esta em constante transformação, tanto em seu interior quanto na superfície; e que, durante seu constante processo de formação, a configuração da crosta terrestre vai se modificando, fazendo com que, suas formas estejam completamente diferentes das que já foram um dia. Enfim, essas transformações continuam acontecendo porque o planeta possui muita energia em seu interior e porque a superfície da crosta terrestre sofre a ação permanente de forças externas.

Desse modo, metodologicamente, a primeira etapa da atividade foi dividir a turma em dois grupos, onde cada equipe ficará responsável em fazer sua maquete. Ambos os grupos construirão seu próprio vulcão, mas sob as perspectivas diferentes, pois, enquanto o primeiro grupo construirá um vulcão na superfície da terra, o outro fará um vulcão no meio do oceano, fato que está diretamente associado à formação de ilhas.

A segunda etapa consiste na construção da maquete, onde foram utilizados os seguintes materiais: Folha de Isopor grossa, Argila, Pincéis, Tintas Guache, 2 Garrafinhas Pet de água mineral, Detergente, Coloral, Bicarbonato de sódio e Vinagre.

Fases da construção da maquete:

1. Inicialmente cortam-se as garrafas pet acima da metade;
2. Depois as coloca-se em cima do isopor;
3. Em seguida preenche com argila os arredores da garrafa, formando a estrutura de um vulcão, lembrando que se deve colocar bastante para que ele fique bem semelhante a um vulcão de verdade;



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

4. Após o preenchimento, espere-se secar um pouco, para que se possa iniciar a fase da pintura;
5. Depois de seco, a pintura do vulcão deve ser feita utilizando pincéis, em cores como marrom, vermelho e amarelo, que caracterizam cor de terra, fogo e lava;
6. Para terminar, pinta-se a base do isopor de azul (se o vulcão for no meio do oceano) e de marrom ou verde (se o vulcão for na superfície terrestre). Em ambos os casos, pode-se utilizar da criatividade para mostrar elementos terrestres ou marinhos, variando de acrescentar casas, plantas e outras coisas na maquete do vulcão terrestre e a formação de ilhas na maquete do vulcão oceânico;
7. Para dar mais beleza e concretude a maquete, faça a mistura de poucas quantidades entre o detergente, corolal, bicarbonato de sódio e o vinagre dentro da garrafinha que ficou no meio do vulcão, para que ele poça a partir da reação química entrar em erupção.

Após a finalização da maquete, os grupos apresentaram seus “vulcões” para a turma e ambos foram avaliados, mediante a participação efetiva na elaboração das maquetes e na apresentação oral de seu trabalho. A partir disso foi possível perceber uma maior segurança por parte dos alunos com relação ao conteúdo, por que os mesmos não foram somente apresentados as teorias, mas participaram da construção pedagógica do elemento em estudo, no caso os vulcões.

No quadro 1, na página seguinte pode-se ver as etapas da elaboração do trabalho. A fase de montagem, em seguida a fase de pintura e a criação dos elementos aos arredores, por fim o trabalho finalizado. Ao que parece uma atividade difícil, para os alunos é algo lúdico, o sorriso em seus rostos confirma isso. Expomos isso para afirmar que é possível ensinar geografia de forma criativa, sem desprender das teorias.

Quadro 1: Etapas da construção da maquete



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



De forma geral, queremos destacar a importante contribuição que o PIBID assume no dia a dia da sala de aula, pois, ao mesmo tempo em que auxilia o professor supervisor na realização de aulas mais dinâmicas e criativas, contribui gradativamente para a formação do graduando. Por isso, entendemos que, aquilo que fazemos com carinho e dedicação têm um resultado muito melhor e que nossos alunos agradecem por isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que a teoria por si só não é suficiente para encarar uma sala de aula, e que se faz necessária a prática efetiva daquilo que o conhecimento teórico nos apresenta. Deste modo, entendemos que a teoria e prática devem caminhar juntas, sendo



indispensável que o licenciando vivencie situações concretas do cotidiano escolar para construir uma formação sólida.

Assim sendo, é significativo ressaltar a importância do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, uma vez que, este, atua como um programa que possibilita a oportunidade dos discentes aprimorarem seu currículo e seu desempenho na sala de aula enquanto futuro educador.

Portanto, podemos dizer que educar é antes de tudo organizar conhecimento, que pode ser transmitido para o aluno. Assim sendo, entendemos o processo de ensino-aprendizagem como uma função que exige uma ação contínua; uma busca constante de mecanismos que favoreçam o ensinar e o aprender.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins, LIMA, Angélica Mara de Dias. Pensando a formação do professor de Geografia: práticas de ensino e estágio supervisionado em questão. In: MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, GARCIA, Tânia Cristina Meira, e SANTOS, Djanní Martinho Sobrinho. (org). **Educação geográfica: ensino e práticas**. Natal: EDUFRN, 2014.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ALMEIDA, Liliane Oliveira. **A formação do docente através das experiências do PIBID**. Anais do V Encontro Nacional das Licenciaturas e IV Seminário Nacional do PIBID/ENALIC 2014.

BRAZ, Anadja Marilda Gomes. O projeto formativo do PIBID. In: _____. (Org). **Formação docente no PIBID/UERN**. Mossoró: Edições UERN, 2013. p.13-29.

GATTI, Bernadete Angelina et al. Avaliação dos currículos de formação de professores para o ensino fundamental. Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo, v.20, n.43, pag. 215-234, maio/ago. 2009.

MARIANO, André Luiz Sena. A pesquisa sobre o professor iniciante e o processo de aprendizagem profissional: algumas características. In: 29ª Reunião Anual da ANPEd, 2006, Caxambu - MG. Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos, 2006.

SILVA Moacir Vieira da; LIMA Hudson Tiago; CRISTINO Ivanilson Pinto. **A contribuição do PIBID na percepção do saber geográfico**. Anais do V Encontro Nacional das Licenciaturas e IV Seminário Nacional do PIBID/ENALIC 2014.

SILVA Eliene dos Santos; MACHADO Laura Juliana Neris; BISPO Pedro Anderson de Souza. **“professor tem que ter consciência de sua prática”: a importância do PIBID na formação do licenciando**. Anais do V Encontro Nacional das Licenciaturas e IV Seminário Nacional do PIBID/ENALIC 2014.

SOUSA, José Ribamar Gomes de; ALVES David de Abreu. **A música como instrumento para a construção do saber geográfico**. Anais do V Encontro Nacional das Licenciaturas e IV Seminário Nacional do PIBID/ENALIC 2014.